

Ricardo Cravo Albin

Othon Bastos e Flávio Marinho: espetáculo inesquecível

Assisti há dias o comovedor monólogo em que Othon Bastos destila fragmentos de sua vida com direção de Flavio Marinho. E só agora pude ir ao Teatro Vanucci porque em algumas tentativas anteriores havia a comunicação consagrada: ingressos esgotados.

Aliás, nada mais justo, porque o espetáculo é de fato arrebatador. Tanto pela simplicidade e elegância costurada quadro a quadro pela vigorosa sensibilidade de Flavio Marinho, quanto pelo vigor de Othon em cena aos 91 anos de idade. Além do essencial, o monólogo trazendo a carreira de um dos mais aclamados atores deste país, que começa por evocar a febrilidade da cidade de Salvador ao começo dos anos 1960, com a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, criada pelo Reitor-Furacão que se chamou Edgar Santos, o possível melhor reitor que o Brasil já teve naquele e todos os tempos subsequentes.

Othon evoca nomes queridos e momentos igualmente incrustados na minha melhor memória de afetos, como o dire-

tor da escola Martim Gonçalves, ou Glauber Rocha, que convidou Othon para estrelar seu filme mais aclamado: “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, bem como a trilogia que se seguiu, lançando Glauber para o mundo.

Quero realçar aqui que o mais caro momento que guardo de Othon Bastos em minha memória foi conhecê-lo melhor quando chefei, nos anos 1970, a Delegação Brasileira ao Festival de Berlim. Othon, o ator do filme brasileiro em competição, estava ali comigo. E combinamos que num domingo, escapariamos do hotel no qual estava a delegação e entraríamos sorrateiramente em Berlim Oriental, já que o nosso então embaixador não havia fornecido vistos para adentrar à então proibida Berlim comunista.

Saímos cedo, atravessamos uma barreira inicial apenas com o passaporte, e adentramos no possível risco de, no mínimo, prisão.

Berlim Oriental parecia vazia. Pouquíssimas pessoas andavam pelas ruas. Não sentimos qualquer temor, até porque parecia a mim (ao menos) que estava numa cidade deserta e silenciosa.

Aliás, muitíssimo silenciosa.

Tanto quanto lembro, entramos em um raro bar aberto, tomamos cerveja (ótima) e devoramos dois salsichões. Bate-mos pernas por mais duas ou três horas. Chegamos à Berlim Ocidental quase à noite, lépidos e fagueiros. Embora muitos companheiros assustados estivessem já nos procurando pelos seis ou sete cinemas onde os filmes do Festival se exibiam. Quando dissemos que acabávamos de visitar por mais de oito horas a outra Berlim, os queixos de muitos caíram enquanto exclamavam: “ainda bem que não foram presos”. E eu retrucava: “nem pensar, estávamos protegidos pelo Corisco, matador de cangaceiros. Ninguém sequer ousou se aproximar...”

Outro assunto: As tratativas do Golpe de fato existiram com fatura

Nessas segunda e terça-feiras, dias 25 e 26 de novembro, o roteiro do Golpe contra a eleição de Lula ficou muito bem definido em amplo relatório elabora-

do com minuciosa precisão pela Polícia Federal. A PF chegou às seguintes conclusões:

1 – O Golpe só não foi adiante pelas recusas do chefe da Força Exército, General Freire Gomes, e da Aeronáutica, Brigadeiro Baptista Junior, já que a Marinha do almirante Almir Garnier foi a única das três forças a aderir.

2 – Os golpistas se organizaram minuciosamente em seis grupamentos abrigando os indicados sob liderança pessoal de Bolsonaro, isso de acordo com a PF.

3 – A PF menciona Bolsonaro 643 vezes, insistindo em sua liderança no Golpe.

4 – Bolsonaro teria viajado aos EUA não passando a faixa a Lula pelo temor de ser preso.

5 – Valdemar Costa Neto, presidente do Partido Liberal(PL), sabia que os dados sobre urnas falsificadas seriam uma ficção golpista.

O país e sua consciência crítica - histórica estão a aguardar tanto a apuração mais minuciosa quanto, sobretudo, as punições devidas aos que tiveram a ousadia de esboçar Golpe tão sangrento.

EDITORIAL

Inteligência humana é insubstituível

O avanço significativo da inteligência artificial (IA) tem sido cada vez mais impressionante. A IA é capaz de processar volumes massivos de dados em segundos, interpretar padrões complexos e executar tarefas antes inimagináveis. Contudo, apesar de seu potencial transformador, a IA não é, nem será, um substituto para a inteligência humana.

Primeiramente, a inteligência humana é marcada por sua capacidade de criar, inovar e pensar de forma crítica. A IA pode aprender com dados existentes, mas não possui a inventividade necessária para produzir algo genuinamente novo sem intervenção humana. As máquinas são ótimas em seguir regras e encontrar soluções predefinidas, mas carecem da espontaneidade e do pensamento intuitivo que definem a criatividade humana.

Além disso, há o aspecto emocional. A inteligência humana não se resume apenas a lógica e racionalidade; ela é profundamente conectada às emoções, empatia e valores éticos. Enquanto a IA pode simular respostas emocionais, ela não experimenta sentimentos genuínos nem compreende plenamente os contextos culturais e sociais que

moldam a interação humana. Decisões baseadas em empatia, como as que envolvem dilemas morais, estão além do alcance das máquinas.

A IA é uma ferramenta poderosa para complementar a inteligência humana, não para substituí-la. Por exemplo, no campo da medicina, ela pode ajudar a identificar padrões em exames e propor diagnósticos mais rápidos. No entanto, o toque humano é indispensável ao lidar com pacientes, oferecendo conforto e cuidado em momentos críticos.

Confiar cegamente na IA como substituto da inteligência humana pode levar a consequências preocupantes. Uma dependência excessiva de máquinas pode limitar a criatividade, a capacidade crítica e a autonomia humana. Mais do que nunca, é fundamental educar as pessoas para usarem a IA de forma consciente e responsável, mantendo o controle sobre suas decisões.

Ela deve ser vista como uma parceira no avanço da sociedade, enquanto nós, seres humanos, continuamos a ser os protagonistas da história, guiados pela razão, criatividade e valores que não podem ser substituídos.

Alexandre Garcia

Brasil, país de surpresas

No Brasil os acontecimentos conseguem andar mais rápido que a nossa capacidade de compreendê-los ou mesmo perceber seus significados. Em plena reunião de 20 países maiores do mundo, agora aparecem prisões preventivas de gente que planejava eliminar Lula e Alkimin e prender ou eliminar Alexandre de Moraes, conforme registra inquérito da Polícia Federal. Entre esses, um general da reserva, oficiais superiores da ativa e um agente policial federal. Imagino o que não de relatar os jornalistas que vieram para cobrir o G-20 e se deparam com isso, depois do ataque pirotécnico ao Supremo, seguido da primeira-dama insultando com termo vulgar um integrante do futuro governo dos Estados Unidos. Aliás, as prisões de militares, revelando planejamento de golpe, também serviram para dar uma rápida guinada nas consequências da intervenção da primeira-dama que, por sua vez, havia desviado atenção

de outros acontecimentos.

Depois da derrota da esquerda na última eleição, com a inflação indo além da meta, a carne subindo e deixando a picanha inalcançável; a dívida pública inchando rapidamente, os cortes cada vez mais necessários e mais adiados; o déficit crescente; as estatais no prejuízo após de um período de lucros e as propostas de emendas constitucionais sobre os poderes do Supremo e anistia para os manifestantes do 8 de janeiro, o chaveiro suicida arremessando fogos de artifício contra o STF foi oportuno para desviar atenções e tentar conter a marcha de propostas na Câmara Federal. Mas eis que a primeira-dama dá um corte nos acontecimentos e vira notícia com grosseria vulgar contra Elon Musk, que será governo nos Estados Unidos a partir de 20 de janeiro, e agrava com falta de compaixão e desrespeito com o morto, chamando-o de “bestão” que se matou com fogos-de-artifício.

Ainda exibiu parceria com um ministro do Supremo.

Não poderia ter escolhido oportunidade mais inconveniente. Na véspera dos G20, e em evento preliminar da cúpula, patrocinado por milhões de reais de estatais. O Rio de Janeiro já fervilhava de jornalistas estrangeiros, que tiveram a primeira aula de Brasil pela ex-docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa. As graves travessuras rodaram o mundo. Que opinião esse público mundial estará formando do Brasil? Mas eis que veio agora, em 74 páginas, a descrição resumida do que pretendia um grupo de, no mínimo, meia-dúzia. Pretendiam, mas não fizeram. Quem poderia dar o início, o Presidente, não quis fazer, nem quem deveria sustentar o projeto, o Alto Comando do Exército, segundo se depreende dos autos.

Imagino a reação, nos cinco continentes, das pessoas que leram as notícias do xingamento vulgar contra Elon Musk. Não

creio que vão achar graça; imaginando que ficarão espantadas, pensando que tipo de país gera uma cena dessas. O Presidente ainda tentou atenuar, advertindo, em público, que “não temos que xingar ninguém”; mas souo hipócrita, porque ele mesmo, dias antes da eleição americana, afirmara, em entrevista, que eleger Trump é “a volta do nazismo e fascismo com outra cara.”

Como se não fosse suficiente, a maioria dos que foram presos, oficiais de forças especiais, estavam prestando segurança no G-20. Os estrangeiros não de perguntar se somos um país de tontos. Planejadores de assassinato de presidente cuidando da segurança de líderes mundiais, como Biden, Xi Jinping, Macron, Milei - e seu próprio alvo de dezembro de 2022? Enquanto isso, Janja não pareceu afetada pela reação à sua grosseria. Estava em todas as fotos, com a alegria de quem terá no futuro um avião novo e com chuva.

Barros Miranda*

SAF virou resgate dos clubes no Brasil

Não resta dúvida de que o Botafogo está fazendo um grande papel neste ano. E a prova disso é o trabalho eficiente de sua SAF que, ano a ano, vai se adaptando ao estilo do futebol brasileiro. Outra que tem tudo para crescer é a do Bahia, com o grupo City, que pode, com o tempo, fazer o Tricolor

de Aço baiano ir para as cabeças do futebol nacional.

Uma SAF que está se reconstruindo é a do Cruzeiro, que, após passar de Ronaldo para o empresário Pedrinho Lourenço, do ramo de supermercados de Belo Horizonte, contratando o gestor Alexandre Mattos, ex-Palmeiras, pode também crescer e

ter bons ventos no brasileiro.

Uma que vai mal é a do Vasco, depois do litígio com a 777. O Cruzmaltino precisa de um novo investidor logo, para fazer o clube crescer novamente e voltar para a elite da tabela do brasileiro e fazer jus à sua história.

Obviamente que vários outros clubes são SAF no Brasil

e um tradicionalíssimo está virando, para se reencontrar, que é a Portuguesa de São Paulo, assim como o Paraná, que busca seus momentos de glória.

Hoje, no Brasil, ser SAF virou sinônimo de volta para os tempos áureos de sua história no futebol nacional.

*Jornalista e historiador

Opinião do leitor

Furtos de decorações de Natal

Gostei muito do editorial falando das criminosas que furtaram lâmpadas e outros itens de ornamentações natalinas no Rio e também em Porto Velho. A abordagem foi muito precisa: essas mulheres estão muito longe do espírito natalino.

Assis de Almeida
São Paulo - São Paulo

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: URSS CONDENA PRESSÃO INTERNACIONAL NO CONFLITO

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de dezembro de 1929 foram: URSS condena a pressão que os Estados Unidos está

fazendo no conflito com a China, dizendo que ela é injustificável. Espetacular-se, na Espanha, que o general Primo de Rivera estaria elaborando

um manifesto à nação, antecipando as eleições gerais no país. Chega ao Rio de Janeiro o navio escola da marinha mercante alemã.

HÁ 75 ANOS: CÂMARA DEBATE ABONO DE NATAL PARA CIVIS E MILITARES

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de dezembro de 1949 foram: Inglaterra e França condenam a ONU de inspecionar

antigas colônias que ainda não viraram territórios oficiais. Nacionaistas chineses estudam a possibilidade e evacuem para a Ilha Formosa. Co-

missão de Finanças da Câmara dos Deputados debate projeto de abono de natal a servidores civis e militares da União.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.